

LOCALISMO E GLOCALISMO NO NORTE DO EGEO: POR UMA ABORDAGEM CONTEXTUAL NA TRÁCIA ARCAICA



Juliana Figueira da Hora¹

Resumo: A região da Trácia no Egeu configurou-se como um exemplo de dinâmica de contatos entre gregos e não gregos. O objetivo deste artigo é apresentar, em caráter preliminar, uma discussão acerca dos santuários de divindades híbridas (locais e gregas) nas *peraias*² trácias fundadas por ilhas gregas do Norte do Egeu, por meio das evidências materiais encontradas em contextos de santuários híbridos³ no período arcaico. Os materiais votivos encontrados, principalmente junto a cerâmica, estão associados à dinâmica local, aos ateliês produtores locais e de importação. Estes encontram-se entremeados a ofertas específicas a divindades híbridas locais comuns. Para a compreensão de uma dinâmica local e regional no que diz respeito aos santuários híbridos no Norte do Egeu propusemos uma breve reflexão a respeito dos conceitos de localismo ou o chamado glocalismo, que nos permitem observar o dinamismo local, imerso em costumes preservados, mas ao mesmo tempo aberto aos elementos externos.

Palavras-chave: Trácia, peráia, Santuários Híbridos, localismo, helenismo.

Dossiê

1 Pesquisadora de pós-doutorado no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), doutora e Mestre em Arqueologia pela mesma instituição. Professora do Mestrado Interdisciplinar da Universidade Santo Amaro (UNISA) e membro pesquisador do Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (LABECA). Para consultar demais publicações da autora: <https://usp-br.academia.edu/JulianaHora>. E-mail: juliana.hora@usp.br.

2 *Peraia*, *Peraea* ou *Peræa* (do grego antigo: ἡ περαία) era a possessão continental por um estado insular. Ver, para Tasos: Bažani e Venclová, 2013 (sobre o empório de Pistiros); e Tiverios, 2008, p. 74.

3 Utilizaremos a palavra híbrido ou hibridismo no sentido de culturas que se entrecruzam, divindades de diferentes locais que se unem, sob uma perspectiva pós-colonial. Aqui, utilizamos como base os trabalhos de Hommi Bhabha (1998) e Stockhammer. Em *O Local da Cultura* (2007) Homi Bhabha define “hibridização cultural” como um espaço liminar, entre as designações de identidade, tornando o processo de interação simbólica polaridades primordiais (BHABHA, 2007, p. 5). Isto significa que a hibridização cultural pode emergir de um espaço liminar, entre duas diferentes identidades, i.e. duas entidades culturais diferentes – sobrepostas neste espaço e livre de hierarquias estruturais de suas entidades. Ao longo do curso deste livro, Bhabha politiza este conceito de hibridismo (BHABHA, 2007). A terminologia utilizada por Tamar Hodos (2010) tem o intuito de enfatizar a cultura híbrida como um conceito total, ao contrário dos pesquisadores que usam o hibridismo na categoria de subculturas – o que por si só já é um complicador, pois o termo supõe esconder uma camada cultural distinta, sob o “guarda-chuva” amplo da cultura dominante. A heterogeneidade em si deve ser vista como cultura (HODOS, 2010, p. 4).



Abstract: The Thracian region of the Aegean has been an example of contact dynamics between Greeks and non-Greeks. The aim of this paper is to present, as a preliminary, a discussion about the sanctuaries of hybrid deities (local and Greek deities) in the Thracian *peraias* founded by Greek islands of the North Aegean, through the material evidence found in archaic hybrid sanctuary contexts. . The votive materials found, mainly in ceramics, are associated with local dynamics, local production and importing workshops. These are interspersed with specific offerings to common local hybrid deities. In order to understand a local and regional dynamic regarding hybrid sanctuaries in the North Aegean, we have proposed a brief reflection on the concepts of localism or so-called glocalism, which allow us to observe local dynamism, immersed in preserved customs, but at the sometime open to external elements

Keywords: Thrace, *peraiá*, hybrid Sanctuaries, localism, helenity.

Resumen: La región tracia del Egeo ha sido un ejemplo de dinámica de contacto entre griegos y no griegos. El objetivo de este artículo es presentar, como preliminar, una discusión sobre los santuarios de las deidades híbridas (locales y griegas) en las perlas tracias fundadas por las islas griegas del norte del Egeo, a través de la evidencia material encontrada en contextos de santuarios híbridos arcaicos. . Los materiales votivos encontrados, principalmente en cerámica, están asociados con la dinámica local, la producción local y los talleres de importación. Estos se intercalan con ofertas específicas a las deidades híbridas locales comunes. Para comprender una dinámica local y regional con respecto a los santuarios híbridos en el norte del Egeo, hemos propuesto una breve reflexión sobre los conceptos de localismo o llamado glocalismo, que nos permiten observar el dinamismo local, inmerso en costumbres preservadas, pero al mismo tiempo. Al mismo tiempo abierto a elementos externos.

Palabras clave: Tracia, *peraiá*, santuarios híbridos, localismo, helenidad.

Este artigo visa explorar a discussão sobre as identidades e a sua relação com a materialidade e espacialidade, sob a ótica das teorias pós-colonialistas nas fundações gregas arcaicas da região da Trácia⁴. São reflexões e indagações que emergiram das pesquisas e levantamentos feitos na tese de doutorado⁵, em que abordamos Tasos, uma fundação grega no Norte do Egeu em período arcaico. A pesquisa de doutorado teve o objetivo de analisar e levantar dados referentes à cerâmica de figuras negras tasienses no século VI a.C. em Tasos, Norte do Egeu, em seus contextos arqueológicos. Esta ilha, no período arcaico,

4 Os escritos de A. Bernard Knapp e Peter Van Dommelen, especialmente o capítulo "Material Connections – Mobility, materiality and Mediterranean identities" (2011, p. 1-18) ao lado dos escritos de Irad Malkin (2001; 2004) serviram de inspiração para muitas das considerações apresentadas neste artigo. Um ponto de partida sobre um tema complexo e fundamental para que se entendam as sociedades das antigas cidades gregas.

5 Tese de doutorado intitulada "A cerâmica de figuras negras tasienses no contexto arqueológico: múltipla Ártemis e o feminino na Tasos arcaica", defendida em 06/2018 no Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE-USP com apoio da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – Processo nº 2013/23446-4).



foi uma pólis⁶ que alcançou o seu auge expandindo seus domínios e fundando cidades no interior da Trácia. A princípio, nossa proposta de tese foi pautada na cerâmica como objeto principal, a fim de compreendê-la a partir do ateliê local de figuras negras tasienses, que se mostrou eclética e ao mesmo tempo inovadora em termos de técnica e decoração. No início das pesquisas, tínhamos o intuito de analisar a materialidade, a fim de buscarmos discutir as identidades helênicas que se desenvolveram no Mediterrâneo (Norte do Egeu). Com o aprofundamento das pesquisas, a busca pelos traços identitários, por meio do uso de uma metodologia investigativa pautada em relatórios de escavação, nos permitiu ir além das questões de identidade. Deste modo, produzimos uma metodologia baseada na materialidade relacional em contextos arqueológicos. Os resultados foram além de nossas expectativas, trazendo elementos interpretativos voltados para uma dinâmica local feminina no Santuário de Ártemis em Tasos, apresentando uma materialidade própria e diferenciada de outros locais da Grécia. As facetas de Ártemis se mostraram ecléticas, assim como as suas oferendas votivas, o que nos levou a pensar em uma *koiné* tanto local quanto regional. Tasos atuou como protagonista na disseminação cultural em suas fundações de período arcaico na Trácia. A dinâmica cultural e religiosa existente com outras ilhas ao redor também tiveram papel importante nas *peraias* fundadas.

CARACTERÍSTICAS GERAIS DA TRÁCIA: HISTÓRIA, TOPOGRÁFIA E RELAÇÃO COM OS GREGOS⁷

Histórico

A designação “Trácia Ocidental”, comum hoje em referências bibliográficas históricas, é uma noção geográfica recente: é um termo aplicado a uma área fortemente disputada no início do século XX durante a primeira Guerra dos Balcãs (1912), quando a Bulgária e a Grécia disputaram aquele território. Em 1913, com a assinatura do Tratado de Constantinopla, parte da região ficou com a Turquia. As fronteiras mudaram diversas vezes desde essa época, e atualmente a Trácia permanece dividida entre os três países que a disputaram no início do século: Turquia, Bulgária e Grécia. Hoje em dia, a “Trácia do Egeu” se

6 De acordo com o *Glossário Labeca*, utilizaremos pólis (no português). (feminino; plural em português pólis, em grego poleis) Cidade; comunidade dos cidadãos que se distribui no espaço sobre o qual é soberana politicamente e no interior do qual distinguem-se uma área habitacional principal (*ásty*) e o território (*khóra*), sede das atividades produtivas primárias (aquelas agrárias). Na pólis, cidade e território são compartilhados pelos cidadãos livres e suas famílias, pelos escravos e pelos estrangeiros. Fonte: <http://labeca.mae.usp.br/pt-br/glossary/>

7 Esta discussão está presente no capítulo 1 da tese de doutorado. Cf. Nota 4.

encontra inteiramente inserida nos limites do distrito administrativo da Trácia Ocidental, na Grécia do norte (BARALIS, 2008, p. 102). Até época helenística, teve os seus limites terrestres na fronteira do rio Nestos, que desagua próximo à ilha de Tasos, e às margens do Rio Danúbio. Com a conquista romana, os limites setentrionais foram recuados até as montanhas de Haimos (Figura 1).



Fig. 1 - Mapa do Norte do Egeu. Trácia, principais rios (Nestos e Estrímon), principais *peraias* ao longo da costa.

Quanto às populações que faziam parte da base étnica da região, três povos se distinguiam, de acordo com Heródoto, em seu livro VII: os sapaia, bistonianos e os kikonianos (HERÓDOTO, *Histórias*, 7.110). Os povos citados, de acordo com Heródoto, travaram contato com os gregos desde períodos recuados; porém essas fontes históricas não nos fornecem informações suficientemente embasadas a respeito dos padrões de assentamentos nessa área.

Sob o ponto de vista da cultura material, as evidências arqueológicas da região da Trácia são ainda bastante escassas. A Trácia possui um histórico de escavações sob coordenação francesa e, até o século XIX, foi uma região bastante visitada por viajantes. A partir do século XVII, os viajantes interessaram-se muito pela topografia da região. Em 1783 foi publicado um volume sobre a região da Trácia e Macedônia chamado *Viagem pitoresca da Grécia*⁸. Nele, foram feitas diversas descrições das ruínas consideradas históricas e a respeito de sua topografia antiga (MARC, 1997, p. 480).

8 De Choiseul-Gouffier, *Voyage pittoresque de la Grèce*, Vol. III, Paris, Ph. de Pierres, 1783.



A partir do século XIX, os viajantes se interessaram em descrever a economia e a organização política da região. Com a criação da École Française d'Athènes (EFA) em 1846, multiplicaram-se os trabalhos científicos na Trácia. As razões para a não sistematização metodológica dos trabalhos arqueológicos no final do século XIX, entre 1821 e 1832, deveu-se à Guerra de Independência grega e, no início do século XX, entre 1912 e 1913, deveu-se às guerras balcânicas naquela região. Durante a Primeira Guerra Mundial, a França enviou um corpo expedicionário arqueológico à Macedônia. Entre 1916 e 1923, as missões de “proteção” francesas sistematizaram metodologicamente as missões de escavação e ocuparam os territórios da Macedônia (MARC, 1997).

Entre as décadas de 50 e 70 do século XX, as escavações no interior montanhoso ocorreram de forma mais intensiva, porém, ainda incipientes. Até o final dos anos de 1980, os vestígios materiais dos trácios eram frequentemente descritos como “pré-históricos” e as escavações concentraram-se principalmente nas fundações gregas localizadas ao longo da costa (BARALIS, 2008, p. 102).

A falta de qualquer unidade política na antiguidade – sublinhada por Heródoto (HERÓDOTO, *História*, 5.3) – foi uma consequência direta da diversidade dos perfis culturais, muitas vezes mascarados pelos termos genéricos aplicados à Trácia e às suas várias populações. Nesse sentido, os costumes rituais conhecidos a partir das evidências arqueológicas constituem prova importante para o conhecimento mínimo do funcionamento social, o que nos possibilita compreender aquela realidade. Os costumes funerários também podem ser bastante elucidativos no que diz respeito às diferenças culturais locais, pois as evidências encontradas em cidades próximas ao Egeu do Norte são muito diferentes das evidências encontradas no interior da Trácia, reforçando o caráter diverso da região (BARALIS, 2008, p. 103).

A Trácia e os gregos: o problema da “colonização”⁹

Esta região complexa da Trácia Ocidental é um exemplo de dinâmica de contatos entre gregos e nativos, mesmo com sua geografia de difícil acesso,

9 O modelo de colonização que a erudição do século XX sugeriu para o período grego mostrou-se inadequado, em parte porque os ditames deste eram o estabelecimento de uma cronologia crível e válida para grande parte do Mediterrâneo. O termo “colonização” traz consigo associações que são potencialmente confusas, se não errôneas, quando pressupostos anacrônicos ou inadequados são feitos sem reflexão sobre o contexto específico em estudo. A colonização envolve o colonialismo, ou seja, a exploração desigual de outro território por um grupo social (ou política ou tecnologicamente) dominante (PURCELL, 2005, p. 118).



como bem colocamos no tópico de discussão anterior. A região possui indícios de pólis já no século VII a.C., com áreas urbanas configuradas, *khóra*¹⁰ delimitada e muito material de contato (**Figura 1**). É uma região que foi bastante escavada desde o início do século XIX, como já havíamos reforçado. O fenômeno rotulado como “contato” pode ter se materializado de várias maneiras: comércio local ou de longa distância, relações diplomáticas asseguradas pelo chamado “ intercâmbio de presentes” ou trocas de produtos naturais (STOYANOV, 2000, p. 54).¹¹

Petia Ilieva, em seus estudos sobre os gregos e os trácios no Egeu, chama-nos a atenção para a análise dos artefatos em contexto, atentando-se nas diferentes maneiras de comportamento de um material. Em outras palavras, a definição de uma variedade específica de contato depende da forma como o material atuou no contexto cultural “estrangeiro”, como foi a sua recepção, e se é possível observar os traços de distinção no registro arqueológico (ILIEVA, 2007, p. 212). Para isso, as novas abordagens arqueológicas pós-processualistas estão desconstruindo a visão helenocêntrica, abrindo a discussão para uma visão contextual e para a relação local entre o objeto e a sociedade e, por consequência, buscando compreender os mecanismos que levam à carga cultural estabelecida entre ambos. Portanto, é preciso repensar o caráter colonial da chegada dos gregos, observando os complexos processos regionais e locais (HORA, 2021, no prelo).

A historiografia considera acontecimentos da primeira metade do primeiro milênio a.C. como “coloniais”, ou seja, o processo pelo qual (no presente contexto) numerosos assentamentos foram fundados por grupos de pioneiros. Havia um nível semelhante de interesse nas ilhas próximas à Trácia, no Mar Egeu. Essa área foi explorada principalmente por gregos jônicos da Ásia Menor e por habitantes das ilhas mais próximas daquele litoral (ARCHIBALD, 2010, p. 205).

De acordo com Archibald (2010), a história da fundação de assentamentos por gregos desenvolveu-se de maneira complexa, através de encontros e relacionamentos de longo prazo, muito mais inclusivos do que a historiografia vem tratando até os dias atuais. A historiografia se focou no discurso unidirecional da helenidade para com os povos trácios, sem refletir sobre as

10 Entende-se por *khóra* o território apenso aos núcleos urbanos das várias pólis gregas (*ásty*); a hinterlândia rural controlada por uma pólis ou, ao menos, sujeita à expectativa de controle por parte de uma pólis.

11 Discussões sobre questões teóricas referentes à colonização da Trácia e ilhas estão presentes no artigo a ser publicado na Revista História da Unesp intitulado *Greek Thrace and Archaic Period Thasian peraiá: interaction, dialogue, contact and network in Northern Aegean* (no prelo).

interações anteriores durante o segundo (para não mencionar o terceiro) milênio a.C. (KARAMITROU-MENTESIDI, 1999 *apud* ARCHIBALD, 2010, p. 205).



As analogias gerais que encontramos no que se refere a subsistência, exploração de recursos naturais e desenvolvimento tecnológico entre os Balcãs orientais, as regiões costeiras do mar Egeu e a Grécia continental são muito significativas. A variedade de culturas agrícolas, incluindo variedades de cereais, leguminosas e plantas daninhas, além de estruturas domésticas, incluindo poços de armazenamento de alimentos em forma de pitos de cerâmica, demonstram que as comunidades localizadas ao redor da chamada baixa Macedônia e no litoral do Egeu estavam envolvidas intensamente na dinâmica das trocas materiais em período arcaico (REEVE, 1995, p. 181). Alguns alimentos que aparecem pela primeira vez durante a Idade do Bronze penetraram na Grécia a partir do norte e nordeste da região (ARCHIBALD, 2010, p. 206).

DISCUTINDO IDENTIDADES: LOCALISMOS E GLOBALIZAÇÃO NO MEDITERRÂNEO

É interessante pensarmos a respeito dos termos que são utilizados para conceituar e interpretar a cultura material sob uma perspectiva identitária. Tamar Hodos (HODOS, 2010 *passim*) propõe reconhecer a percepção e identidades projetadas das culturas passadas por meio da materialidade. Esta autora baseia-se nas culturas híbridas e em seus papéis dentro da nossa percepção de cultura. A terminologia utilizada por Hodos tem o intuito de enfatizar a cultura híbrida como um conceito total, ao contrário dos pesquisadores que usam o hibridismo na categoria de subculturas – o que por si só já é um complicador, pois o termo supõe esconder uma camada cultural distinta, sob o “guarda-chuva” amplo da cultura dominante. A heterogeneidade em si deve ser vista como cultura (HODOS, 2010, p. 4).

Para Tamar Hodos, seguir um ponto de vista global não significa apresentar uma história dos estudos sobre identidade nas disciplinas de História Antiga ou para os Estudos Clássicos, mas sim fornecer uma indicação de momentos chave no tratamento das relações entre cultura e identidade. Estas relações têm sido frequentemente centradas na construção das identidades étnicas¹². É necessário ter em mente uma análise heterogênea das culturas

12 Utilizaremos a definição de S. Jones (1997, p. xiii) *todos os fenômenos sociais e psicológicos associados a uma identidade de grupo culturalmente construído. O conceito de etnicidade se centra sobre os modos pelos quais processos sociais e culturais interagem na identificação de, e na interação entre grupos étnicos para enfatizar o caráter de construção da etnicidade como um conceito inserido nas múltiplas identidades formadas.*

regionais, enfatizando seus traços distintos. No caso do mundo antigo, Hodós alerta-nos sobre a importância da contribuição e do diálogo que fizeram a diferença nas relações culturais gregas e romanas.



As novas correntes pós-processualistas tendem a observar as pólis gregas sob uma perspectiva local, apontando para elementos voltados para padrões locais de raciocínio. De acordo com Chrystel Müller, a chamada pólis “paroquial” lançou uma nova tendência no estudo das cidades gregas, a do localismo, às vezes chamada de “paroquialismo”, que ecoa os interesses contemporâneos na vida local e na democracia participativa. Para Hans Beck, após duas décadas de redes e análise de trocas, deve-se agora olhar para a “polis paroquial”, que “vira para o outro lado da hiperconectividade” (BECK, 2015). Segundo alguns historiadores, a maioria das pólis deu uma resposta “auto-referencial e sociocêntrica” às mudanças em seu ambiente político e cultural. Eles estavam mais interessados em seus gostos, hábitos e eventos locais (identidade e auto-representação) do que em tudo o que aconteceu além de suas fronteiras (MÜLLER, 2016, p. 28).

Desse modo, estudos mais aprofundados sobre a interação dos gregos com o mundo vizinho, o chamado “não-grego”, são cada vez mais relevantes. A maior parte das abordagens se concentra no olhar do grego sobre o “outro”. O modelo “centro-periferia”, de acordo com Petia Ilieva (2007), ainda é funcional do ponto de vista dos fluxos e reflexões sobre as relações no Mediterrâneo. No entanto, esse modelo é questionável, pois não há como aplicar um conceito moderno de colonização em assentamentos com tão complexa e diversificada relação material (ILIEVA, 2007, p. 212).

A nova leva de pesquisas no campo da Arqueologia Clássica traz uma série de questões relacionadas às culturas “híbridas”¹³ e paisagens urbanas. De acordo com pesquisas recentes é em época arcaica que se inicia o processo de formação da identidade helênica, fazendo-nos pensar os conceitos pós-coloniais de abordagem migratória no Mediterrâneo (VAN DOMMELEN, 2011 *passim*). Em meio a estes conceitos, a proposta é a de repensar os termos colônia, migração, conectividade, identidade, entre outros. Os estudos arqueológicos mostram que o conceito de helenização unilateral – do grego para o nativo – não mais responde aos processos de interação, que evidentemente marcaram na cultura material a multilateralidade das influências.

13 Cf nota 3.



A utilização do conceito de redes permite-nos perceber melhor a multiplicidade de interconexões no mundo grego, em microrregiões que se inserem em redes mais amplas, que interagem no tempo curto e na longa duração, ao invés da aplicação de hierarquias espaciais de centro-periferia, ou hierarquias temporais baseadas na noção de origens (MALKIN, 2003 *passim*).

As pesquisas na área de Arqueologia do Mediterrâneo vêm discutindo questões de cunho local, procurando compreender como a recepção de elementos advindos de gregos de diversos locais do Mediterrâneo se deu, trazendo uma materialidade que não se resume a uma imitação pura e simplesmente dos padrões gregos de técnica, decoração e estilo. A recepção dos elementos pode ser interpretada à luz das redes, discussão em voga nos processos de compreensão do fenômeno da helenidade e da não unilateralidade dos discursos.

Nos estudos atuais vem se retomando uma discussão pautada nos localismos, contextos locais interpretados à luz das tradições e gostos locais, ao estudo das elites locais ou à escrita da história local. Esta discussão reforça que o local também é uma força ontológica que afeta os seres humanos em suas trocas diárias. Essa qualidade discursiva do local como uma marca impressa na sociedade é amplamente sub-pesquisada. Debates conceituais, que contribuíram muito para a compreensão de noções relacionadas, como identidades étnicas ou nacionais, estão prestes a surgir. De acordo com Hans Beck a localidade inclui todas as expressões da cultura local, produção de conhecimento e convicção comunal, cada uma delas em relação ao horizonte local que inspira (BECK, 2018, p. 26).

Exemplo disso são as oficinas locais e regionais estão inseridas em um sistema que engloba práticas de interesse local, mas aberta a uma absorção de elementos que, quando colocados em prática, jogam luz à carga cultural transformada, um sistema votivo que variou, absorveu elementos de interesse, emulou e não só negou as variações. A compreensão das relações e de seus sistemas variáveis, dentro do que podemos compreender como “glocalismo” imerso nas redes de contato que ligam a insularidade e o mecanismo do isolamento e do não isolamento do continente como uma extensão destas ilhas estão presentes, ou melhor, imbricados na materialidade, e estas podem ser lidas e interpretadas à luz de seus contextos, vistas como um subproduto do globalismo (MÜLLER, 2016, p. 2).

De acordo com Christel Müller, o estudo do localismo exige a exploração de todas as formas, características e facetas do local. Tem sido apontado pelos estudiosos que a oposição do local e do global apresenta um binário difícil, porque cada um se infiltra completamente no outro, sendo que ambas as categorias (global e local) estão interligadas. Além disso, a relação entre o local



e o global nunca é estática, mas está exposta à adaptação e à mudança. É assim que os termos «glocal» e «glocalização» entraram no debate. De acordo com um ciclo proeminente de fertilização cruzada entre o local e o global, a globalização desencadeia uma sensação crescente de desconexão do local, ou deslocalização. Isso alimenta uma nova necessidade de localidade. Em sua variante mais imediata, essa necessidade leva ao surgimento de um novo localismo que, por sua vez, desafia os princípios básicos da globalização (MÜLLER, 2016, p. 1).

O MEDITERRÂNEO E AS SUAS REDES: CONTATOS, ESPAÇOS E NARRATIVAS

As redes que se estabeleceram no Mediterrâneo, segundo Irad Malkin (2003) são “nós” conectados, possíveis resultados do dinamismo, sem marcação precisa de seus “centros” nem de suas “margens”. Para Malkin (2003, p. 2), a discussão em torno do Mediterrâneo precisa ser mais sofisticada, observando as redes em sua forma descritiva e como ferramenta de análise. Estes “nós” conectados traduzem a dinâmica grega neste mundo de reconhecimentos, de alteridade, de complexidade no Mediterrâneo. Portanto, faz-se necessário pensar além do regional, é necessário fazer conexões entre pólis, por meio dos recortes comparativos, para que consigamos visualizar similaridades e disparidades.

As *apoikias* gregas foram estabelecidas em regiões que poderiam já ter sido conhecidas pelos gregos, mas o contato com as populações nativas trouxe aos gregos um conhecimento maior do espaço e do território. A Arqueologia trouxe à luz uma série de problemáticas, por meio dos vestígios materiais, o que suscitou um olhar interpretativo voltado para questões étnicas, implicações territoriais, questões fronteiriças, além da discussão do papel do nativo, tão pouco citado nas fontes literárias principais como Estrabão, Diodoro, Tucídides e Heródoto.

As narrativas literárias, em primeiro lugar, de acordo com o artigo de A. Pollini e P. Funari (2009, p. 46) tratam o território indígena sem uma indicação precisa. Segundo comparação feita pelos autores, a fronteira é zona de contato entre a chamada sociedade “civilizada” e as terras não ocupadas¹⁴. Segundo A.

14 Para A. Pollini e P. Funari, os historiadores modernos deveriam utilizar o conceito *Frontier History* – como F. J. Turner (1893, p. 227 *apud* POLLINI & FUNARI, 2009), pois este autor propõe o conceito de fronteira como zona de contato, sendo esta um local dinâmico, não um local fixo, uma linha imaginária, para assim explicar a progressiva conquista do território americano. De maneira análoga, *frontier history* também poderia ser utilizada para trabalhar a progressiva conquista do território pelas colônias gregas no ocidente, mais precisamente no sul da Itália. A definição de fronteira, no caso da colonização grega, seria zona de contato entre colonos e autóctones (POLLINI & FUNARI, 2009, p. 47).



TEORIAS PÓS-MODERNAS

Pós-colonialismo em Arqueologia: contextos coloniais

O colonialismo no Mediterrâneo antigo é um tema que atraiu atenção acadêmica devido à fundação de assentamentos gregos e fenícios durante o primeiro milênio a.C. (VAN DOMMELEN, 2008, p. 51). Os estudos arqueológicos e históricos centravam-se na unilateralidade do discurso, ou seja, o foco esteve na contribuição trazida pelos fundadores às regiões colonizadas. Para Van Dommelen é habitual atribuir o fenômeno dos assentamentos urbanos como “difusionismo urbano” associado à cultura e civilização clássicas, adotado de maneira automática por povos indígenas (VAN DOMMELEN, 2008, p. 51).

Nos últimos anos estas representações têm sido criticadas por serem visões colonialistas que ignoram as contribuições indígenas nos processos de urbanismo (TRIGGER, 1984). A natureza colonial dos assentamentos gregos, fenícios e romanos, segundo o pesquisador, nunca havia sido objeto de estudos em si mesmos. Os termos “colônia” e “colonização” estão sendo questionados e revistos, considerando seu contexto e época (DE ANGELIS, 1998).

Há um movimento de descolonização e a historiografia mostra que as representações de situações coloniais antigas têm persistido ao longo do tempo. Em edições como as de J. Boardman, de 1980, a percepção colonialista era a do grego frente a um nativo ponderado, próspero com a chegada dos gregos. Jean Paul Morel, em 1984, definiu dois significados para a palavra colonização, uma como a sujeição e a civilização dos nativos, outra como o ato de fundação (MOREL, 1984 *apud* VAN DOMMELEN, 2011, p. 307).

Hipóteses evolucionistas de superioridade grega ou romana também têm sido, para Shanks (1996) *apud* Van Dommelen (2011), uma característica da Arqueologia Clássica desde seus primórdios. Há uma concepção dualista de colonialismo, a que representa as situações coloniais como um confronto entre distintas entidades, prevalecendo como natural o lado colonizador sobre o nativo, o que daria origem a representações parciais e unilaterais. Como resultado, a posição subordinada dos colonizados frente aos colonizadores foi efetivamente confirmada e as relações foram estabelecidas como desiguais.



Repensando categorias coloniais, a partir da insatisfação com representações dualistas das situações coloniais é que surgiram as abordagens pós-coloniais, em diversos segmentos e campos de conhecimento das Ciências Humanas: literária, antropológica, histórica, arqueológica e filosófica. Os debates giram em torno do olhar contemporâneo, das influências dos discursos coloniais e da sua imposição simbólica, sendo construídos ao longo da historiografia (VAN DOMMELEN, 2011, p. 308).

Há estudos no campo literário que focam nos discursos de colonização. O texto fundamental de E. Said consiste em considerar que a dominação colonial não se baseia somente na violência, exploração, e sim nas formações ideológicas que se associam à dominação. Said sustenta seus argumentos em Foucault, “em que o poder implica diretamente em conhecimento e vice-versa” (SAID, 1978, p. 27).

De maneira análoga, Carol Dougherty (1993) trabalha os discursos coloniais nos textos literários de época arcaica, sob uma perspectiva pós-moderna, enfatizando também as metáforas do discurso imbricado nas questões políticas que se justificam nas narrativas coloniais. Um conjunto ordenado de representações que sustentaram as empreitadas gregas pelo Mediterrâneo (DOUGHERTY, 1993, p. 8).

As representações coloniais são trabalhadas também por Spivak e Bhabha (YOUNG, 1995 *apud* VAN DOMMELEN, 2008, p. 57). Como teóricos literários eles explicam com detalhes a natureza textual do discurso e representação, chamando a atenção para a natureza fragmentada e incoerente das narrativas. Homi Bhabha, crítico indo-britânico discutirá os modos de representação textual e seus discursos. Para o crítico, o texto escrito sublinha uma construção arbitrária, diferencial e sistêmica de signos sociais e culturais, em que os sentidos são quase sempre intencionais (BHABHA, 1998, p. 107). Gayatri Spivak, também crítica literária e especialista em estudos pós-coloniais, fez uma análise da literatura, das escavações, da historiografia e dos pressupostos filosóficos e observou, em que medida compartilham discursos contemporâneos por ela denominados “benevolente representação” dos autóctones ou subalternos (SPIVAK, 1999, xi). Para Van Dommelen, a principal contribuição de Spivak e Bhabha no pensamento pós-colonial tem a ver com a coerência do discurso colonial, destacando as vozes implícitas neste discurso.

Apesar de sugerir novas formas de observar situações coloniais, há poucos estudos arqueológicos e antropológicos comprometidos com estas ideias ou que façam conexões entre cultura material e teoria pós-colonial (VAN DOMMELEN, 2008, p. 65).

CONSTRUINDO E DESCONSTRUINDO PARÂMETROS INTERPRETATIVOS: TEORIZANDO O LOCAL



O tempo todo, o local compreende parâmetros distintos que permitem uma análise significativa. Nesta abordagem, o local tem um significado duplo, podendo ser tanto de domínio físico quanto de domínio metafórico. Como local de domínio físico, o local é o espaço acessível e gerenciável que os indivíduos experimentam enquanto navegam em suas vidas cotidianas. O significado do termo está próximo do conceito de vizinhança, um lugar no qual as relações sociais são realizadas. No âmbito metafórico, o local é uma categoria relacional ou contextual. Torna-se um ponto de referência para aqueles que compartilham uma localidade conjunta (MÜLLER, 2016, p. 1).

Hans Beck aponta para a oposição entre local e global como um binário difícil, porque uma categoria se infiltra na outra. De acordo com o historiador, estudos sobre a globalização cultural indicam que a relação entre o local e o global nunca é estática, mas está exposta à adaptação e mudança (BECK, 2018, p. 26). De acordo com Roland Robertson, os termos “glocal” e “glocalização” entram no debate a partir da necessidade de quebrar a ideia de binarismo, trazendo para o debate o novo localismo, aquele que insere práticas sociais e culturais de necessidade de produção comunal interna aos estímulos externos, e vice e versa, abarcando a complexidade do “global-local” (ROBERTSON, 1995, p. 27).

No que diz respeito às práticas culturais e significado social, o local é invocado como uma figura que une os contextos em sua comunidade imaginada. A localidade denota os padrões de longa data que emergem da associação com o local. O termo abrange todas as expressões da cultura local, produção de conhecimento e convicção comunal, cada uma em relação ao horizonte local que as inspira. Localismo é a mentalidade que prioriza a soma dessas expressões de dentro de fontes alternativas e concorrentes de significado social de fora da comunidade (MÜLLER, 2016, p. 17). No debate sobre a globalização, portanto, o local é, acima de tudo, um espaço de negociação e adaptação do global, no qual lida com várias estratégias de aversão e também de reclusão em relação ao externo. E, ao mesmo tempo, conectividade e globalização - ou glocalização - levam a novos desafios políticos e padrões culturais de significado, que, como tais, são categorias de ordem maiores, mais eficazes e mais bem-sucedidas do que as do local (BECK, 2017, p. 37). No caso das pólis gregas, não é mais possível o estudo das comunidades individuais, de acordo com Vlassopoulos (2013), pois todo o processo de compreensão das ocorrências locais implica na busca de respostas de transformações e processos supra ou transpolíticos entre as comunidades poliades (VLASSOPOULOS, 2013, p. 21).



A Grécia antiga era um mundo de mudanças aceleradas. Desde o período arcaico até o período helenístico, os gregos experimentaram a expansão como um movimento importante de relações. Em poucas palavras, a partir do século VIII a.C., o mundo grego se tornou cada vez maior. À medida que seu mundo se expandiu, a comunicação dentro deste mundo se intensificou. O crescimento das redes de troca facilitou novos modos de conectividade. Quase todas as gerações viram pessoas, bens e ideias viajarem mais rápido. Novas artérias de tráfego mais uma vez aumentaram a comunicação, tornando tudo mais próximo. À medida que seu mapa mental do mundo se ampliava, as sociedades políades gregas também se aproximavam em termos culturais, políticos, econômicos e religiosos (HODOS, 2016, *passim*).

A hiperconectividade x sociocentrismo?

Está em voga estudar os modos de interconectividade no mundo grego antigo. O recente interesse em teorias de redes, alimentado pela comunicação de mídia social na internet, acrescenta muito a essa abordagem. Por outro lado, as abordagens locais mostram uma faceta pós hiperconectivas, que nos permite pensar nas transformações e resultados locais propiciado pelas redes (VLASSOPOULOS, 2013, p. 21). A questão é: como as sociedades políades responderam às mudanças no mundo ao seu redor? Parece que, em sua avaliação do mundo, as pólis se mostraram em grande parte auto-referenciais e sociocêntricas: auto-referenciais porque suas tradições se agrupavam em torno de si mesmas, com os cidadãos e seus antepassados sendo o sujeito exclusivo de sua cosmovisão; e sociocêntrica porque suas visões se baseavam em leituras que eram inatamente voltadas para o interior, concebidas e sancionadas pela compreensão predominante da própria comunidade (MÜLLER, 2016, p. 28).

O estudo do localismo não é, portanto, um exercício da história local. A Polis Paroquial¹⁵ invade o campo comunicativo de sociedades muito menos mundanas do que o estudo das redes transregionais e as trocas sugerem. A ideia de localismo se expressa em toda a amplitude da experiência humana. A referência ao local é onipresente, mas o conceito raramente foi teorizado. É um espaço real e imaginário, cheio de significado social. O local se sobrepõe às vezes com noções de identidade étnica e crença, mas não está de forma alguma

15 "Paroquial": a palavra lançou uma nova tendência no estudo das cidades gregas, a do localismo, às vezes chamada de "paroquialismo", que ecoa os interesses contemporâneos na vida local e na democracia participativa. Após duas décadas de redes e análise de trocas, deve-se agora olhar para a "polis paroquial", que "vira para o outro lado da hiperconectividade" (retirado BECK, 2015, tradução livre).



ligado a elas; e isso impacta a sociedade em um sentido muito mais amplo. A partir daí, foi apenas um pequeno passo para a compreensão da história e da política, ambas codificadas localmente, reforçando os laços entre o povo e a terra. O Polis Paroquial pede um olhar para o local (MÜLLER, 2016, p. 22).

Religião e hiperconectividade: santuários e cultos nas relações locais e regionais

Segundo Vlassopoulos (2015) religião e comunidade estavam profundamente interligadas na Grécia antiga, principalmente no que se refere ao período arcaico. Por um lado, a religião grega era, em uma extensão muito significativa, comunitária; a esmagadora maioria dos atos culturais e rituais ocorreu em vários contextos comunitários (VLASSOPOULOS, 2015, p. 257). As comunidades religiosas públicas e privadas não eram entidades estáticas e autoproclamadas, elas estavam envolvidas em um processo contínuo de formação, transformação e dissolução. Por outro lado, quase todas as formas de comunidade grega tinham uma base religiosa, além de quaisquer outras características. A religião apresentava um meio potente para criar coesão social e a articulação de identidades comuns; mas também constituía uma arena na qual visões conflitantes de relações entre humanos e entre humanos e deuses eram continuamente expressas e contestadas (HANSEN; NIELSEN, 2004, p. 130-133).

Conjecturas sobre um material previamente observado como grego ou tido como local devem ser avaliadas com muito cuidado, pois a tradição historiográfica acostumou-se a determinar um objeto encontrado em contextos locais como sendo grego em um primeiro momento (produto de imitação pura e simplesmente), e num segundo momento a tendência foi inferir que o objeto feito localmente tivesse ignorado todas as proveniências e influências externas que o geraram. Alicia Jiménez nos remete ao conceito de emulação dos objetos fruto dos contatos entre fundadores e locais (JIMÉNEZ, 2004, p. 29) e nos informa que, para Potolsky (2006), a transformação de uma “imitação” repetida em um modelo original (em que um conjunto de características podem ser reconhecidos em cada contexto e criar tradições) afirma, por um lado, a identidade por meio da diferença e, por outro lado, a descontinuidade daquilo que foi tradição transformada em algo novo no presente (POTOLSKY, 2006, p. 54-57). Deste modo, buscamos observar a transformação que determinado material recebeu localmente pelo entendimento daquilo que o contexto arqueológico oferece. Transformação esta que ocorreu, por um lado, dentro de um sistema dinâmico e fluido de trocas contínuas e, por outro lado, pela preservação das tradições.



Segundo Vlassopoulos (2015) religião e comunidade estavam profundamente interligadas na Grécia antiga, principalmente no que se refere ao período arcaico. Por um lado, a religião grega era, em uma extensão muito significativa, comunitária; a esmagadora maioria dos atos cultuais e rituais ocorreu em vários contextos comunitários (VLASSOPOULOS, 2015, p. 257). As comunidades religiosas públicas e privadas não eram entidades estáticas e autoproclamadas, elas estavam envolvidas em um processo contínuo de formação, transformação e dissolução. Por outro lado, quase todas as formas de comunidade grega tinham uma base religiosa, além de quaisquer outras características. A religião apresentava um meio potente para criar coesão social e a articulação de identidades comuns; mas também constituía uma arena na qual visões conflitantes de relações entre humanos e entre humanos e deuses eram continuamente expressas e contestadas (HANSEN; NIELSEN, 2004, p. 130-133).

Hiperconectividade x localismos no Norte do Egeu

Dossiê

O conhecimento do período inicial da colonização grega nessa área e dos contatos que os colonos gregos estabeleceram com as populações locais é extremamente limitado, no que se refere às fontes escritas. O relativo silêncio das fontes literárias leva a uma tendência a subestimar a riqueza e a complexidade desse período. Muitos pesquisadores foram tentados por modelos estereotipados importados de outras partes do mundo grego, em particular da Magna Grécia (TIVERIOS, 2008, p. 1).

A peraia de Tasos e os rios de adentramento do território da Trácia

A seguir, apresentaremos os rios mais importantes de acesso ao interior da Trácia no período arcaico: o Estrímon e o Nestos. Tasos adentrou o território trácio e fundou diversas cidades já no século VII a.C. (Figura 2). A incursão tasiense na Trácia esteve longe de ser tranquila, já que importantes lutas foram travadas e sofreu forte resistência por parte dos trácios. Em meio às lutas por território, estabeleceram-se definitivamente na região do Estrímon e do Nestos, os dois principais rios de navegação para interior da Trácia (TIVERIOS, 2008, p. 80). Escavações sugerem que as primeiras

fundações tasienses, datadas da segunda metade do século VII a.C., foram Neápolis (atual Kavala), Oesyme (área de Nea Peramos), Galepsos e Pistiros, essa última mais tardia (datada do início do século V a.C.) e principal fundação da região do rio Nestos (**Figura 1**). A região dos dois rios é estratégica para o acesso a áreas ricas em minerais, de acordo com Heródoto (HERÓDOTO, *História*, 6.46) (KOUKOULI-CHRYSANTHAKI, 1980, p. 310-1 *apud* CONSTANTAKOPOULOU, 2007, p. 235).



Fig. 2 Mapa de Tasos. Autor: Rodrigo Lima (2018)

A *peraia* tasiense proporcionou à ilha o plantio e o cultivo de cereais, vinhos, pastoreio de ovelhas e cabras. Os tasienses usaram o rio Estrímon (**Figura 1**), que lhes dava acesso à hinterlândia fértil da Trácia, como uma via de negociação e intercâmbio com os trácios (TIVERIOS, 2008, p. 89). O rio Nestos (**Figura 1**), por sua vez, não possuía uma riqueza mineral como o Estrímon, mas possuía extensões férteis de terras baixas e ricas pastagens (LAZARIDIS, 1971).

A importância dos rios Estrímon e Nestos

As tribos que ocupavam a Trácia no período neolítico foram: *bisaltes* (no vale inferior de Estrímon); *odomantes* (na planície ao norte do Estrímon); *sintos* (no vale médio do Estrímon); *píeres* (na região ao sul do Monte Pangaion); *edonios* (na margem esquerda do Estrímon inferior, ao sul do rio Angites, e na planície de Philippoi); *satrai* no monte Pangaion); *dersaioi* (mais ao norte); e *sapaiois* (curso inferior do Nestos) (PAPAZOGLU, 1988, p. 351-



413). Foram muito provavelmente os ricos recursos minerais da área, o ouro e a prata do Monte Pangaion (**Figura 1**), que atraíram empreendimentos gregos na região (LOUKOPOULOU, 2004, p. 854).

A leste do Nestos inferior e no seu delta, ao longo da costa do Egeu, estendem-se amplas extensões aluviais. Em contraste com as terras a oeste do Nestos, não existem recursos minerais preciosos na região do rio Nestos. As estreitas gargantas do Nestos e as poucas passagens oferecidas através das montanhas Ródopes tornaram praticamente impossíveis as comunicações regulares com o interior trácio por essa via. Além disso, as tribos trácias criaram uma barreira impenetrável ao longo do limite norte da planície costeira e ameaçavam as comunicações terrestres Leste-Oeste através de passagens estreitas do rio Nestos. As pólis que se formaram nessa região foram: Abdera, Ainos, Bergopolis, Dikaia, Drys, Kypsela, Maroneia, Mesambrie, Orthagoria e Sale (LOUKOPOULOU, 2004).

As peraias de Tasos – histórico e os principais santuários e divindades locais

Tasos é uma ilha fundada pela ilha de Paros por volta de 680 a.C. Neste período, Tasos fundou cidades no continente Trácio. Dessas fundações nos ateremos nas fundações melhor documentadas arqueologicamente, que possuam indícios de santuários híbridos, que possuam dados nos relatórios de escavação. São elas: Neápolis, Oesyne, Galepsos, Antisara e Pistiros (**Figura 3**).



Fig. 3 Principais fundações gregas na Trácia (Fonte: <http://www.macedonianhistory.org/maps.html>)

Neápolis foi fundada por Tasos no início do século VI a.C. No final do século V a.C. já havia cortado laços com a metrópole (TIVERIOS, 2008, p. 81). A principal divindade local era a chamada Parthenos, cujo culto era



ativo na época em que os tasienses fundaram a pólis na região. Os colonos de Tasos adotaram o culto como uma tentativa de conquistar o povo local (TIVÉRIOS, 2008, p. 81). O importante santuário de Parthenos foi localizado no distrito de Panayia, no centro histórico de Kavala. Todas as inscrições indicam que este era um santuário grego. Neste local foram encontrados muitos materiais como cerâmica e objetos votivos. Entre centenas de estatuetas de terracota que foram encontradas durante a exploração no santuário de Parthenos, não há representações identificáveis da própria divindade ou de atributos rituais específicos indicando sua particularidade ou sua identificação com uma grande deusa olímpica (PROKOVA, 2015). Este fenômeno ocorre também no Artemision de Tasos, onde não foram encontradas estatuetas da deusa Ártemis ou mesmo representações significativas em vasos de figuras de Figuras Negras que atestassem sua identidade (HORA, 2018, p. 61). De acordo com P. Collart, a divindade Parthenos, mais do que uma forma helenizada direta de Ártemis, é uma forma helenizada da deusa Bendis, deusa Trácia já atribuída a Ártemis (COLLART, 1937 *apud* FRANÇOIS, 2010, p. 439). Portanto, estudiosos já prenunciavam uma complexidade híbrida de cultos na região.

A pólis de Oesyne foi fundada por Tasos na segunda metade do século VII a.C., de acordo com fontes escritas (ESTRABÃO, *Geography*, 7.35; TUCÍDIDES, *História da guerra do Peloponeso* 4.107; HOMERO, *Ilíada*, 8.304; DIODORO SÍCULO, *Library of History*, 12.68) Os vestígios mais antigos datam da segunda metade do século VII a.C. e incluem mais notavelmente cerâmica local e cerâmica tasio-pariense da Grécia Oriental. (TIVÉRIOS, 2008, p. 82). De fato, escavações recentes na acrópole localizaram um nível pré-colonial que remonta ao início da Idade do Ferro. Uma caverna com cerâmica pré-histórica foi investigada ao norte de Oesyne, em uma pequena península em direção a moderna Iraklitsa (LAZARIDIS, 1969, p. 13). O culto às ninfas era praticado em Oesyne pelo menos desde o século VI a.C. e, culto que também popular em Tasos em período arcaico¹⁶. Esta ligação com Tasos pode nos trazer relações estreitas de culto com a metrópole.

Galepos foi fundada por Tasos no século V a.C., no local de Gaïdou-rokastro, como atestado por antigas fontes escritas como Tucídides (4.107). Foram encontradas inscrições do século V a.C. escrito em um alfabeto Tasio-pariense (ISAAC, 1986, p. 64). A ilha foi habitada por trácios da região e esta presença é marcada pelos vestígios arqueológicos em contexto funerário, principalmente. Há evidências dos cultos de Zeus Ktesios, Patroios e Herke-

16 Table des Matières. In: *Bulletin de correspondance hellénique*. Volume 89, livraison 2, 1965. p. 1008-1015. O BCH traz-nos muitos elementos arqueológicos e arquitetônicos de santuários de dedicação às ninfas que podem nos elucidar uma koiné de culto entre *peraia* e Tasos e/ou outros locais da Trácia e Norte do Egeu.



ios em Galepsos, enquanto um número de inscrições arcaicas tardias em ho-roi (pedras de contorno) escritas no alfabeto tasio-pariense, referem-se a um santuário de Deméter, com um templo *hekatombedos* (GIOURI AND KOU-KOULI-CHRYSANTHAKI, 1987, p. 372-373). Os santuários são importantes indícios de cultos híbridos. Os objetos em contexto podem elucidar se houve uma relação regional de divindades gregas que poderiam ser cultuadas junto a divindades locais.

Antísara foi uma fundação de Tasos, considerada como um *empóron*¹⁷ por volta do final do século VI a.C., assim como a fase inicial das casas que foram descobertas. Foi encontrado um santuário de Asclépio, que indica que seu culto substituiu outro culto local que existia desde o final do século VI a.C. A área também produziu cerâmicas com indicações de influxo Tasio-Pariense¹⁸, datando do século VII a.C (TIVERIOS, 2008, p. 86).

Pistiros foi um *empóron* de Tasos fundado no século V a.C. próximo a um local chamado Vetren, Bulgária, que em 1990, em escavações atraiu a atenção internacional entre os estudiosos da Trácia. Esta importante descoberta está relacionada de uma inscrição única que registra um tratado multilateral entre três dinastias trácias - Kersobleptes, Amadokos e Berisades - e os comerciantes residentes que viviam em um *empóron* chamado Pistiros. O tratado registra os direitos dos comerciantes gregos residentes em relação a outros comerciantes gregos e os nativos e governantes da Trácia, os direitos das autarquias trácias em relação aos gregos residentes em terras da Trácia, e várias provisões econômicas que descrevem as rotas comerciais utilizadas e a inviolabilidade concedida aos comerciantes ambulantes e residindo em Pistiros no século V a.C. (BOUZEK, 1996, p. 221-222; STOYANOV, 2000, p. 55-67). A identificação do local em Vetren como o *empóron* Pistiros é problemático porque os achados são atípicos do *empóron* grego: a maior parte da cerâmica encontrada é de confecção local, enquanto as importações gregas menores do que em outras pólis da Trácia; o número de selos de ânfora e inscrições gregas são surpreendentemente pequeno para um típico *empóron* grego; e, finalmente, os altares religiosos descobertos até agora são considerados todos trácios, porém, esta questão ainda está bastante embrionária no sentido da apuração dos dados arqueológicos (VELKOV E DOMARADZKA, 1994, p. 1-15).

17 Termo em grego: ἐμπόριον (palavra neutra em grego). Definição: Praça de comércio marítimo; daí cidade situada no litoral, com grande porto e grande atividade comercial. (retirado <http://labeca.mae.usp.br/pt-br/glossary/>). Ver HANSEN, 1997, p. 83-106.

18 Salviat François. Le roi Kersobleptès, Maronée, Apollonia, Thasos, Pistiros et l'histoire d'Hérodote. In: *Bulletin de correspondance hellénique*. Volume 123, livraison 1, 1999. pp. 259-273. As publicações do BCH 123 trazem escavações do Santuário de Asclépio na Neápolis e Antisara.



Um dos grandes desafios da pesquisa arqueológica é demonstrar a aplicabilidade dos conceitos teóricos de localismo e glocalismo nos casos das *peraias* da Trácia, por meio da cultura material em contextos de santuários híbridos locais. O conceito de pólis vem sendo retrabalhado sob a ótica pós-colonialista com ênfase nas transformações da materialidade presente em *apoikias* que foram influenciadas por diversas identidades entrecruzadas. Para a Arqueologia é importante enfatizar o viés material do discurso. O material arqueológico deve ser processado de modo a ser convertido em dados, que por sua vez precisam ser transformados em evidências. Destacamos a reflexão teórica sobre conceito de local e paroquial, conectividade e glocalismo em consonância com uma metodologia voltada para os contextos arqueológicos das *peraias* da Trácia, região de suma importância para a compreensão da dinâmica das relações entre ilhas no Norte do Egeu e o continente.

BIBLIOGRAFIA

Fontes Antigas

- HERÓDOTO. **História**. Primeiro relato clássico da guerra entre gregos e persas. Trad. J. Brito Broca. 2. ed. São Paulo: Ediouro, 2001.
- STRABO. **Geography**. London: Heinemann, 1949, Livro VI.
- TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. Trad. Mário da Gama Kury. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.
- HOMERO. **Ilíada**. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- DIODORUS SICULUS. **Library of History**. The Loeb Classical Library. Trad. C.H. Oldfather Cambridge: Harvard University Press, 1963.

Geral

- ARCHIBALD, Zosia.H. Greeks and Thracians Geography and culture. In: TREZINY, Henri. (ed.). **Grecs et Indigènes de la Catalogne à la Mer Noire**. Actes des rencontres du programme européen Ramses² (2006-2008). Paris: Errance, 2010, p. 203-211. (Bibliothèque d'Archéologie Méditerranéenne et Africaine; 3)
- BARALIS, Alexandre. Les champs de fosses rituelles en Thrace au Premier et Second Âge du Fer. Etat des lieux de la recherche. In: ALLINCAI, S.; MICU, C.; MIHAIL, F. (dirs.). **Omagiu lui Gavrilă Simion la a 80-a aniversare**. Constantza: Dobrogea, 2008, p.140-153.
- BHABHA, Homi.K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BECK, Hans. If I am from Megara. Introduction to the Local Discourse Environment of an Ancient Greek City-State. **Teiresias Supplements Online 1** (2018).



BECK, Hans. *et al.* From Magna Graecia to Asia Minor. **Dem Lokalen auf der Spur. Einige Vorbemerkungen zur Parochial Polis**, 2017, pp.35-54.

BOUZEK, Jan. Pistiros as a river harbour: sea and river transport. In: BOUZEK, Jan.; DOMARADZKA, Lidia, M.; ARCHIBALD, Zosia. (eds.). **Pistiros: Excavations and Studies**. Prague: Charles University, 1996, p. 221-222.

BOŽKOVA, Anelia. A pottery group with Geometric decoration from a Thracian site at Koprivlen in southwestern Bulgaria. In: BOUZEK, Jan.; DOMARADZKA, Lidia. (eds.). **The Culture of Thracians and Their Neighbours**. Oxford: Archacopress, 2005, p. 85-90. (BAR International Series, n. 1350)

BRAVO, Benetto; CHANKOWSKI-SABLÉ, V. Cités et emporia dans le commerce avec les barbares, à la lumière du document dit à tort « inscription de Pistiros». In: **Bulletin de correspondance hellénique**. Volume 123, livraison 1, 1999. pp. 275-317.

CONSTANTAKOULOPOULOU, Christy. Beyond insularity islands and their *peraia*. In: _____ (ed.). **The Dance of Island; networks, the Athenian Empire, and the Aegean world**. Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 228-253.

DE ANGELIS, Franco. *Ancient past, imperial present: the British Empire in T.J. Dunbabin's The Western Greeks*. **Antiquity**. Cambridge/UK, v.72 (277), p. 539-549, September 1998.

DOUGHERTY, Carol. **The Poetics of Colonization: from city to text in Archaic Greece**. London: Oxford University Press, 1993.

GRAHAM, Alexander. J. **Religion, women and Greek colonization**. Collected Papers on Greek Colonization. BRILL, 2001. 327-348.

HODOS, Tamar. (ed.). **Material Culture and Social Identities in Ancient World**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

HANSEN, Mogens. H.; NIELSEN, Thomas.H. (eds.). **An Inventory of Archaic and Classical Poleis: an investigation conducted by the Copenhagen Polis Centre for the Danish National Research Foundation**. Oxford: Oxford University Press, 2004.

HORA, Juliana .F. **A cerâmica de figuras negras tasienses no contexto arqueológico: múltipla Ártemis e o feminino na Tasos arcaica**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2018.

_____. Greek Thrace and the Archaic Period Thassian *peraia*; interaction, dialogue, contact and network in Northern Aegean. **Revista Historia (Sao Paulo)**, vol. 40, 2021, no prelo.

ILIEVA, Petya. Thracian–Greek “συμβίωσις” on the shore of Aegean. In: IAKO-BIDU, A. (org.). **Thrace in The Graeco-Roman World**. Proceedings of the 10th International Congress of Thracology: Komotini-Alexandroupolis 18-23 October 2005. Athens: National Hellenic Research Foundation; Centre for Greek and Roman Antiquity, 2007.

ISAAC, Benjamin. **The Greek settlements in Thrace until the Macedonian conquest**. Leiden, 1986.



JONES, Sian. **The Archaeology of Ethnicity: constructing identities in the past and present.** London: Routledge, 1997.

JIMÉNEZ, Alicia. Mímesis/mimicry. Teoría Arqueológica, colonialismo e imitación. In: **El problema de los imitaciones durante la protohistoria en el Mediterraneo Centro-Occidental: del concepto al ejemplo,** Graells; Krueger; Sardà; Sciortino (Eds.), Mainz an Rhein, DAI, Madrid, Abteilung, 2014, p. 27-40.

KOUKOULI-CHRYZANTHAKI, C. H. Abdera and the Thracians, **Thracia Pontica III,** Sofia, 82-98, 1986.

LAZARIDIS, D. **Neapolis, Christoupolis, Cavala.** Guide du Musée de Cavala. Athens: Konstantinidis & Michalas, 1969.

LAZARIDIS, Demetrius. **Thasos and Its Peraia.** Athens: Athens Technological Organization; Athens Center of Ekistics, 1971.

LOUKOPOULOU, L. Thrace from Strymon to Nestos. In: HANSEN, Mogen .H.; NIELSEN, Thomas .H. (eds.). **An Inventory of Archaic and Classical Poleis: an investigation conducted by the Copenhagen Polis Centre for the Danish National Research Foundation.** Oxford: Oxford University Press, 2004, p. 854-869.

MALKIN, Irad. Networks and the Emergence of Greek Identity. **Mediterranean Historical Review.** Tel Aviv University, 18 (2), p. 56-74, 2003.

_____. **Ancient Perception of Greek Ethnicity.** Washington, D.C.: Center for Hellenic Studies, Trustees for Harvard University. Cambridge: Harvard University Press, 2001.

MARC, Jean-Yves. L'archéologie Française en Thrace: A la mémoire des tirailleurs sénégalais du 54^e régiment colonial. In : TRIANDAPHYLLOS, D. **Actes du 2^{ème} Symposium International des Études Thraciennes. Thrace ancienne,** 1997. Komotini, Grèce: Édition de l'Association Culturelle de Komotini, 1997, p. 473-506.

MARTIN, Roland. Relations entre métropole et colonies : aspects institutionnels. In: **Architecture et urbanisme.** Préface de Jean Pouilloux et Georges Vallet. Rome : École Française de Rome, (*Publications de l'École française de Rome*, 99), 1987, pp. 439-448.

MULLER, Christel. **Globalization, Transnationalism, and the Local in Ancient Greece.** Oxford Handbooks Online, Classical Studies, Social and Economic History, 2016.

PAPAZOGLU, Fanoula. **Les villes de Macédoine à l'époque romaine.** Athènes: École française d'Athènes; Paris: Diffusion De Boccard, p. 351-413, 1988.

POLLINI, Airton. **Frontière et territoires en Grande Grèce: archéologie et histoire des représentations.** 2008. Tese (Doutorado em História e Arqueologia dos mundos antigos). École doctorale "Milieux, Cultures et Sociétés du Passé et du Présent", Université Paris X - Nanterre.

POLLINI, Airton.; FUNARI, Pedro .P.A. A percepção grega da fronteira na Magna Grécia: literatura e arqueologia em diálogo. In: FUNARI, P.P.A.; SILVA, M.A.O. (Orgs.). **Política e Identidades no Mundo Antigo.** São Paulo: Annablume/FAPESP, 2009, p. 39-57. (História e Arqueologia em Movimento)



POTOLSKY, Matt. *Mimesis*. Routledge, 2006.

PROKOVA, Alexandra. Fragments of Identities. The Goddess worshippers in the light of terracota votives of her Sanctuaries in Neapolis (Greece Modern Kavala). Terracotas in the Mediterranean through time. In *Les Carnets de L'ACost*, 2015.

PURCELL, Nicholas. Colonization and Mediterranean History. In: HURST, H.R.; OWEN, S. *Ancient Colonizations: Analogy, Similarity and Difference*. London: Duckworth Publishing, 2005, p. 115-139.

REEVE, E. Resenha de: ZOHARY, Daniel.; HOPF, Maria. **Domestication of Plants in the Old World: The origin and spread of cultivated plants in West Asia, Europe, and the Nile Valley**. 2nd ed. Oxford: Clarendon Press, 1994. In: *Genetical Research*. London, v. 66 (2), p. 181, 1995.

ROBERTSON, Roland. Glocalization: Time-space and homogeneity-heterogeneity. *Global modernities* 2.1, 1995, p. 25-44.

ROKOV, T. The Cult of Apollo Derenos in Abdera. *Еноху*, 1-2, В. ТЪРНОВО, 2004, pp.57-64.

SAID, E.W. *Culture and Imperialism*. New York: Alfred A. Knopf, 1993.

SPIVAK, G.C. *A Critique of Post-Colonial Reason: Toward a History of the Vanishing Present*. Cambridge, Mass.; London: Harvard University Press, 1999.

STOYANOV, T. Contacts of North-Eastern Thrace with Anatolia, Caucasus and the Near East during the Early Iron age before Greek Colonization. *BMNBurgas*, v. 3, p. 50-61, 2000a.

_____. Spatial Patterns and Economic Development of Northeastern Thrace, 7th-2nd Centuries BC. In: DOMARADZKA, L.; BOUZEK, J.; ROSTROPOWICZ, J. (eds.). *Pistiros et Thasos. Structures économiques dans la Péninsule Balkanique aux VI^e - II^e siècles avant J.-C.* Actes du Symposium, Septemvri 1998, Opole. Opole (Pologne): Institut d'Archéologie et Musée bulgare des sciences; École Française d'Athènes, 2000, p. 55-67.

TIVERIOS, M. Greek Colonisation of the Northern Aegean. In: TSETSKHLADZE, G.R. (ed.). *Greek Colonisation. An Account of Greek Colonies and Other Settlements Overseas*, Vol. II. Leiden; Boston: Brill, 2008, p. 1-154.

TRIGGER, B.G. Alternative archaeologies: nationalist, colonialist, imperialist. *Man*, 1984: 355-370.

VELKOV, V. – DOMARADZKA, L. Kotys I (383/2–359) et l'emporion de Pistiros en Thrace, *Bulletin Correspondence Hellénique* 118.1, 1–15, 1994.

VLASSOPOULOS, K. *Greeks and Barbarians*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2013.